

**RELAÇÕES ENTRE ESCOLA E FAMÍLIA EM PROJETOS BEM SUCEDIDOS DE  
EDUCAÇÃO MORAL**

*Alana Paula de Oliveira*<sup>1</sup>

Programa de Pós-Graduação em Educação/UNESP

*Maria Suzana De Stefano Menin*<sup>2</sup>

UNESP

**Introdução**

A educação moral, sinônimo de educação em valores e educação em direitos humanos, tem como finalidade formar personalidades autônomas a partir das relações estabelecidas uns com os outros. Somos autônomos quando decidimos seguir determinadas regras, normas ou leis, buscando o bem, simultaneamente, para si e para os outros, por vontade própria, sem a pressão de forças externas. Por outro lado, somos heterônomos quando agimos por prudência, interesse, inclinação ou conformidade (Menin, 1996).

Essa educação visa preparar as crianças e adolescentes para a vida social; ou seja, formá-los como cidadãos para conviverem com os demais de forma respeitosa e solidária, de modo que tratem o outro como um ser que tem um fim em si mesmo e que não pode ser usado como objeto (Goergen, 2005).

Os ambientes democráticos devem ser palco da educação moral, de modo a superar a visão de educação tradicional, uma vez que a transmissão de valores pré-determinados pelas gerações passadas não garante o desenvolvimento de uma moral autônoma. Para Araújo (1996, p. 129), “tal insuficiência existe, exatamente, porque reforça a heteronomia e uma moral do dever puro. Esses valores que são externos ao indivíduo, que não surgem de sua reflexão, tornam-se obrigatórios apenas enquanto estiver presente o poder da autoridade de onde emana”.

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia – FCT/UNESP. E-mail: alanapaula@hotmail.com.

<sup>2</sup> Professora Titular da Faculdade de Ciências e Tecnologia/UNESP. Pesquisadora visitante na Fundação Carlos Chagas. E-mail: menin@fct.unesp.br.

O ambiente familiar é o primeiro espaço de contato da criança com as relações sociais e é por meio da família que a criança começa compreender como estas relações são constituídas. No entanto, este ambiente não é o único que possibilita e define as experiências sociais da criança, e o seu desenvolvimento; assim como, também, os pais não têm o poder de definir as características cognitivas, sociais e de personalidade dos filhos, conforme suas próprias vontades, pois algumas características das crianças já estão parcialmente definidas quando elas nascem. Além disso, há outros ambientes socializadores que as crianças participam que, por vezes, as influenciam paralelamente à ação dos pais e, por outras, são os que mais determinam o desenvolvimento infantil.

O professor não pode nem deve substituir os pais, mas, nas relações do dia-a-dia, precisa também contribuir em suas práticas com o oferecimento de vivências qualificadas em todos os aspectos do desenvolvimento dos alunos. Assim, esse professor pode proporcionar à criança ou ao adolescente um ambiente propício para a incorporação de valores morais, tenha essa construção se iniciado ou não na família. Nem sempre a criança se apropria dessa base moral nos períodos adequados, desenvolvendo-se em meios com relações de respeito mútuo, reciprocidade e cooperação; às vezes, pode chegar à escola desprovida de valores e princípios (Gutfreind, 2010; Vinha & Assis, 2005).

Sobretudo, mesmo que a Educação Moral se dê em espaços e modos diferentes nas escolas e nas famílias, não podemos deixar de enfatizar a necessidade de desencadear movimentos de colaboração e parceria entre ambas, sendo fundamental a reflexão sobre a importância da relação entre estas instituições educativas, pois, uma é capaz de preencher lacunas existentes na outra. Pode-se dizer que tanto a família como a escola devem assumir o compromisso de educar moralmente as crianças e adolescentes, sendo as relações entre ambas importantes para uma Educação Moral bem sucedida (Aquino & Araújo, 2000; Araújo, 2000).

As duas instituições educativas – escola e família – precisam ter conhecimento dos valores e práticas que permeiam cada uma delas, para que, assim, seja possível a continuidade das ações. Goergen (2005) afirma na importância de ser estabelecer um entendimento dialógico-discursivo entre todos os responsáveis pelo processo educativo – pais, professores, gestores, etc. –, a fim de elaborar objetivos e valores a serem incluídos na prática pedagógica

Diante disso, fazemos a seguinte indagação: as escolas públicas têm feito parcerias com as famílias para educar moralmente as crianças e os adolescentes? O objetivo desse texto é, portanto, apresentar uma reflexão e discussão a respeito desse questionamento a partir de dados coletados e analisados durante uma pesquisa de Mestrado intitulada “Escola e família: relações possíveis em projetos de educação moral em escolas públicas” (Oliveira, 2013).

## **Metodologia**

A pesquisa referenciada teve o intuito de examinar as concepções da escola em relação ao seu papel e ao papel da família na educação moral de crianças e adolescentes, bem como refletir sobre as potencialidades, dificuldades e avanços nessa relação.

Para atender ao objetivo da pesquisa, analisamos 150 questionários respondidos por representantes de escolas públicas de ensino fundamental (6º ao 9º ano) e ensino médio do Estado de São Paulo, os quais foram retirados do banco de dados de uma pesquisa anterior (Menin, Bataglia, & Zechi, 2013), que contou com mais de 1000 questionários coletados em diferentes regiões brasileiras. O questionário apresentou 24 questões, sendo as primeiras referentes às concepções dos respondentes sobre a Educação Moral no espaço escolar e as demais relacionadas às experiências que os mesmos tenham participado.

Para selecionarmos experiências bem sucedidas de educação moral e, então, investigar a participação da família, elaboramos critérios a partir de revisão da literatura do campo da Psicologia da Moralidade. Acreditamos que uma experiência para ser considerada bem sucedida deve ter como finalidade o fortalecimento de valores morais, como respeito, justiça, solidariedade, honestidade, entre outros; para tanto, os mesmos devem ser refletidos e reconstruídos por meio do diálogo e não simplesmente transmitidos impostos. Além disso, deve ser duradoura e alcançar o maior número de participantes e espaços; ser, preferencialmente, realizada a partir de situações escolares do dia-a-dia e resultar numa adoção consciente e autônoma de valores morais, de modo que os mesmos passem a fazer parte da personalidade moral dos alunos. (Araújo, 2000; La Taille, 2006, 2009; Menin, 2002, 2008; Serrano, 2002; Tognetta, 2003; Vinha, 2003).

Identificamos uma quantidade baixa de experiências bem sucedidas que atendessem aos critérios elegidos e poucas realizadas a partir da relação entre escola e família. Dos 150 questionários, apenas seis tiveram descrições interessantes de projetos de educação moral, apresentando a participação da família. Visitamos as escolas das experiências selecionadas e entrevistamos os seus proponentes, os alunos e os pais.

## **Resultados**

Na tentativa, então, de responder ao questionamento inicial e compreender se as escolas têm feito parcerias com as famílias para educar moralmente seus alunos, apresentamos a seguir os resultados obtidos na pesquisa realizada.

### *Projeto “Ser ou não ser” de uma escola estadual da cidade de Presidente Prudente*

No questionário, foi descrito que o projeto “Ser ou não ser” teve início em 2006, com o objetivo de reduzir a violência no espaço escolar, integrar alunos e comunidade e levar conhecimentos sobre direitos e deveres à família. Por meio de palestras, dramatizações, relatos de experiências, visitas a entidades assistenciais e aulas expositivas, trabalharam temas como: o direito da família, o ECA, Estatuto do Idoso, diversidade racial e cultural. Além disso, havia uma Psicóloga responsável em fazer mediações entre os alunos e seus familiares, e também em buscar respostas, na família, a problemas dos alunos na escola.

Contudo, a partir das visitas e entrevistas não identificamos uma proposta consolidada de trabalho com valores, sendo que apenas a diretora e uma professora de Matemática se disponibilizaram a ser entrevistadas e relataram um trabalho de confecção de painel. Os demais professores não quiseram participar, pois não tinham o que relatar sobre a experiência. Isso nos levou a pensar que o projeto não se estendeu a todo o ambiente escolar e não foi incorporado no decorrer das disciplinas.

Em relação à parceria entre escola e família, percebemos nas falas das duas entrevistadas que não há uma participação expressiva da família na escola. A diretora disse que havia ações previstas com a comunidade, mas que não aconteceram. No entanto, ela apontou que a família comparece à escola quando é solicitada. A professora de matemática declarou que não há muita interação entre a escola e as famílias dos alunos, a qual se restringe a reuniões de pais ou à convocação em caso de conflitos.

Não identificamos estratégias para envolver os familiares nas atividades escolares do dia-a-dia; pelo contrário, há um discurso de que é muito difícil a aproximação das famílias, já que as mesmas não residem no entorno da escola.

Dessa forma, constatamos, a partir das visitas e por meio das falas dos entrevistados, que a experiência não foi bem sucedida. A única experiência concreta que relataram foi a construção do painel, mas não foi possível identificar quais foram realmente os resultados e as mudanças obtidas a partir disto.

A Diretora afirmou que percebeu resultados positivos, uma vez que os alunos pareceram estar mais participativos; e, ao mesmo tempo, deixou claro que não houve redução no número de ocorrências de indisciplina. Pensamos, assim, nas seguintes questões: Os alunos se tornaram mais participativos em quais atividades? A maior participação dos alunos possibilitou a incorporação de valores morais pelos mesmos? Responderíamos a esta última questão de forma negativa, pois, se os alunos tivessem se desenvolvido moralmente e

incorporado valores, possivelmente a indisciplina abrandaria, uma vez que a educação moral possibilita a construção da autonomia moral do indivíduo (Serrano, 2002).

Consideramos, então, que o projeto pode ter tido bons resultados no passado e também ter envolvido os pais dos alunos, conforme relatado no questionário; no entanto, percebemos que o projeto perdeu as suas forças e que não há um trabalho sistematizado com os valores morais, assim como também não há mais ações que possibilitem o envolvimento das famílias na escola.

### *O projeto “Educação, Saúde e Cidadania” de uma escola estadual da cidade de Regente Feijó*

Na proposta inicial do projeto, em 2004, o objetivo era trabalhar, principalmente, a prevenção da saúde, qualidade de vida, autoestima, educação ambiental, reconstrução de valores, bem como reduzir o índice de violência na escola e na comunidade. As atividades se iniciaram com palestras que foram oferecidas por alunos de Educação Física da UNESP de Presidente Prudente e, também, por atletas cadeirantes. Além disso, pesaram e mediram os alunos, trabalharam com o tema da alimentação e obesidade, fizeram caminhadas, entre outras atividades.

Como fechamento do ano letivo e do projeto, organizaram um evento, que consistiu em caminhadas e corridas. Houve o envolvimento dos professores, pais, alunos e também dos moradores da cidade, pois puderam participar todos que quisessem. No dia, a escola contou com a parceria da Polícia Militar e da prefeitura, a qual disponibilizou um ônibus móvel de pronto-atendimento, ambulâncias, médicos e enfermeiros, para ficarem de plantão em caso de ferimentos e/ou acidentes com os participantes. O projeto recebeu uma verba da Secretaria da Educação e, também, com o patrocínio da comunidade e do comércio, conseguiram comprar a premiação e as camisetas para os participantes inscritos. Para se inscrever na corrida, os participantes tiveram que doar alimentos não perecíveis. Com a arrecadação, a escola montou cestas básicas e as doaram às famílias dos alunos que mais precisavam. Por conta desta ação, a escola ganhou por três anos seguidos o selo de escola solidária do projeto “Escola Solidária”.

O fechamento do projeto aconteceu por 5 anos consecutivos; porém, conforme esclareceu a professora de Educação Física, eles tiveram que dar uma pausa para rever alguns pontos, pois passaram a ter mais participação da comunidade do que dos alunos.

A respeito dos resultados obtidos a partir do projeto, a professora de Educação Física afirmou que o pensamento das crianças em relação à importância da atividade física mudou e

eles passaram a se interessar mais pelas questões do corpo. A coordenadora pedagógica destacou que os alunos passaram a ter mais respeito e a preservar o patrimônio escolar.

Em relação à participação da família na escola, constatamos que esta escola, de certa forma, envolveu os familiares na experiência; contudo, o envolvimento aconteceu apenas nos momentos de encerramento do projeto, nos quais alguns pais participaram das corridas e auxiliaram os alunos, e outros foram beneficiados com as cestas básicas. Alguns pais ajudam a gestão escolar na administração e aplicação dos recursos financeiros; mas percebemos, por meio das falas dos entrevistados, que são sempre os mesmos, não havendo uma rotatividade. Exceto isso, não identificamos outras formas de parceria com as famílias para a realização e desenvolvimento do projeto.

Não conseguimos identificar estratégias da escola com o intuito de aproximar as famílias dos alunos. Alguns pais são mais participativos, mas não há ações para envolver a maioria dos familiares.

Consideramos essa experiência interessante, principalmente por envolver ações que saíram dos muros da escola e por ter incluído não somente os alunos e os agentes escolares, mas também a comunidade extraescolar. Vale lembrar a ideia de Araújo (2007), que afirma que aproximar a comunidade não é tarefa fácil, mas que a educação não pode se restringir ao espaço escolar interno. Deve-se permitir uma relação entre sujeito e meio social. A escola precisa, sem perder as suas especificidades, estar em contato com seu entorno, sendo que esse envolvimento pode possibilitar a participação da comunidade nos processos educativos.

#### *O projeto “Buscando novos caminhos” de uma escola estadual da cidade de Pirapozinho*

A experiência começou em 2008, dentro de sala de aula com estudos, debates, elaboração de material, sobre: hábitos, costumes, esporte, alimentação saudável, sedentarismo; e, depois, a escola realizou uma gincana recreativa que se estendeu às famílias, pois os alunos saíram para uma caminhada na comunidade. O objetivo do projeto era conscientizar os alunos e as famílias sobre os hábitos de vida saudáveis.

Porém, a partir de 2012, passaram a realizar um novo projeto sobre indisciplina, intitulado “Buscando novos caminhos II”, o qual foi elaborado e implantado a partir da necessidade de melhorar o relacionamento de alguns alunos na escola, abrandar casos de conflitos em sala de aula e aumentar o interesse pela aprendizagem.

Conforme a coordenadora, o professor acompanha diariamente a participação dos alunos nas atividades. Uma vez por semana, os professores saem da sala com os alunos que tiveram bom rendimento e trabalham com jogos, gincanas, dança da cadeira, pula-corda,

xadrez, dominó, entre outras atividades. Os demais permanecem na sala e realizam atividade de reforço.

Questionamos, então, se os alunos não poderiam se comportar bem apenas para poder sair da sala e participar das atividades. Segundo a coordenadora, o trabalho não se restringiu a anotar os alunos que não fizeram as atividades, mas teve o objetivo maior de dialogar e incentivá-los a melhorarem por meio de uma autoavaliação.

A respeito da participação da família, percebemos que são quase inexistentes ações que incentivem a participação dos familiares, os quais são, na maior parte das vezes, convocados apenas para saber do mau comportamento dos alunos e nada é proposto para que algo seja feito mutuamente por ambas as instituições educativas.

Apesar do trabalho realizado até o momento da visita, identificamos, por meio das falas dos agentes escolares, que ainda há muitos problemas no ambiente desta escola. Há alunos que são mandados diariamente à direção por causa de brigas, desrespeito e violência. Além disso, há casos de drogas e tráfico entre alguns alunos; sendo que, num determinado momento, foi necessária a ajuda do Conselho Tutelar, assim como foi necessário o delegado da cidade visitar algumas casas para falar com as famílias.

Diante disso, nos questionamos se realmente a escola tem trabalhado de forma a desenvolver a moral autônoma dos alunos, pois percebemos que os problemas que motivaram o início das experiências continuaram presentes mesmo após o desenvolvimento das ações. Com o suporte teórico de diversos autores que discutem tal temática, nos certificamos de que a educação moral não pode associar-se a uma metodologia determinada, porque exige pluralidade de enfoques e possibilidade de trabalho. Sobretudo, assim como defende Serrano (2002), a tarefa educativa consiste, primordialmente, em promover nos sujeitos uma atitude pessoal consciente e autônoma, por meio do diálogo, pois a consciência dos valores não pode se dar por imposição.

### *O projeto “Reciclar é preservar” de uma escola estadual da cidade de Arco Íris*

Arco Íris é uma cidade de, aproximadamente, 2300 habitantes, que conta apenas com uma escola de ensino fundamental e médio. Visitamos esta escola em busca de informações sobre o projeto “Reciclar é preservar”, que teve início em 2004 para tentar diminuir a quantidade de lixo nas ruas da cidade.

As atividades começaram com discussões em sala de aula para a conscientização dos alunos sobre a importância de separar os lixos. Posteriormente, confeccionaram panfletos informativos sobre o meio ambiente e reciclagem, que foram distribuídos pelos alunos em

toda cidade; e, então, incentivaram as famílias a separarem os lixos. No início, o lixo era recolhido por um trator, porque a cidade não tinha caminhão de coleta seletiva. Aqueles que separavam os lixos ganhavam um cupom para concorrer a prêmios no sorteio que era realizado no final do ano. Além disso, criaram um sistema de troca de óleo sujo por óleo limpo, incentivando as famílias a não jogarem o óleo sujo.

De acordo com a coordenadora, “o projeto teve tanta importância que, através dele, a Prefeitura montou a Secretaria do Meio Ambiente”, que ainda não existia; e, também, adquiriu um caminhão de coleta seletiva.

Na escola, ela apontou que os alunos pararam de jogar lixo no chão, deixando a escola mais limpa e o jardim mais bonito. Para a coordenadora o projeto foi bem sucedido, pois “está atingindo os objetivos que é de, além informar, formar o cidadão consciente de que o meio ambiente precisa ser cuidado, não só o meio ambiente escolar, mas o ambiente do lar”. Segundo ela, os alunos falam “como a nossa cidade está ficando limpa... nossa casa está ficando mais limpa”. E, ainda, complementa que, “nos rios e cachoeiras, eles já levam um saquinho para retornar com as embalagens que eles utilizam”. Porém, ela conta que falta atingir as famílias da zona rural, que ainda fazem buracos para jogar e queimar o lixo.

Percebemos que as famílias se envolveram e passaram a separar os lixos. No entanto, constatamos que, especificamente no espaço escolar, não há a participação das famílias nas tomadas de decisões e nas articulações das atividades, inclusive do projeto. Acreditamos que a escola, para engajar as famílias no projeto, mais especificamente na coleta seletiva do lixo, criou um sistema de entregar um cupom para o sorteio de brindes em troca do lixo separado para a reciclagem.

Verificamos que o projeto foi bem sucedido por conta das mudanças ocorridas nas famílias e na comunidade em relação à separação do lixo. Contudo, observamos que a escola em si é limpa, mas, durante a visita, nos deparamos com os funcionários varrendo o pátio o tempo todo; além disso, vimos lixo no chão das salas de aula. Então, nos questionamos: a escola é limpa porque os alunos não jogam lixo no chão ou porque os funcionários limpam?

É importante destacar a boa vontade da coordenadora e os seus interesses na educação ambiental, mesmo sem ter recebido formação para isso. Percebemos que ela é bem envolvida em questões políticas e tem bastante influência na Prefeitura, o que pode ter favorecido o desenvolvimento do projeto. Além disso, não podemos negar os grandes impactos que o projeto causou no município em relação à coleta seletiva, uma vez que defendemos que o cerne da educação moral é “tornar os recursos da cidade, do bairro e, prioritariamente, do



entorno da escola espaços de aprendizagem e de promoção, e garantia de direitos, deveres e cidadania” (Araújo, 2007, p. 56).

### *O projeto “Educadores da Paz” da cidade de Araçatuba*

O projeto “Educadores da Paz”, iniciado em 2003, foi relatado em dois questionários da pesquisa por agentes escolares de escolas diferentes da cidade de Araçatuba: uma escola localizada no centro da cidade e a outra na zona rural. Selecionamos este projeto por ser uma iniciativa da Diretoria de Ensino, por conta de sua abrangência e longa duração, e por umas das respondentes ter apontado que os alunos multiplicam o que aprendem no âmbito familiar e social.

O projeto foi idealizado por uma psicopedagoga moradora da cidade, a qual propôs à Diretoria de Ensino uma parceria para incentivar as escolas a realizarem o projeto. Quinzenalmente, um representante de cada escola da cidade é convocado para receber formação. Nestes encontros, a psicopedagoga trabalha com diversos temas e ensina a técnica do centramento, a metodologia do projeto, que é uma forma da pessoa não pensar em nada e relaxar. Estes representantes ficam responsáveis em repassar aos demais agentes escolares das escolas o que aprenderam; os agentes escolares trabalham com os alunos; e estes, finalmente, com as suas famílias.

De acordo com representantes da Diretoria de Ensino, alguns diretores de escolas não se identificaram com a proposta e não comparecem ou não encaminharam outros representantes para receber a formação. Porém, outras escolas se engajaram e desenvolveram a experiência, como é o caso das duas escolas que visitamos.

Na escola localizada no centro, a diretora relatou que decidiu levar o projeto à escola porque acredita que, em um grupo com um grande número de pessoas, é necessário educar para a paz. Assim, semanalmente há HTPCs e ela reserva um espaço para conversar com os professores, por meio de uma roda de diálogo, a respeito das relações estabelecidas ao longo da semana. Os professores expõem as situações e buscam meios para resoluções dos problemas.

A maior parte dos professores utiliza a técnica do centramento em sala de aula para tentar melhorar a concentração dos alunos. Um professor relatou que, muitas vezes, os alunos ficam agitados, com má postura corporal e não conseguem realizar as atividades das disciplinas. Em caso de conflitos e/ou desentendimento entre os alunos, os agentes escolares não interferem, apenas ouvem e tentam acalmá-los, fazendo com que eles se resolvam sozinhos. A diretora destacou que o projeto foi bem sucedido por não perceber atritos muito

graves entre os alunos, pois a grande maioria sabe que tudo deve ser resolvido por meio do diálogo.

Em relação à parceria da família com a escola, a diretora afirmou que os pais, apesar de não residirem perto da escola, são presentes, comparecem à escola se a criança precisa e/ou quando são convocados por conta de algum conflito, para tentarem analisar e resolver a situação; e, além disso, participam de reuniões de pais. No entanto, percebemos que não há uma parceria da família no projeto e, na escola, a participação se dá apenas nos momentos em que os familiares precisam comparecer na escola.

Vimos, a partir das declarações, que, apesar de os agentes escolares permitirem que os alunos resolvam sozinhos os seus conflitos, há casos em que os familiares são convocados para saberem o que está acontecendo de errado no contexto escolar. Então pensamos na seguinte questão: será que, realmente, os alunos aprenderam a resolver os seus conflitos? Acreditamos que, ao menos nos casos em que os pais precisam ser convocados, os alunos continuam heterônomos.

Além disso, acreditamos que a técnica do centramento tem sido útil apenas para acalmar os alunos, por um determinado momento, quando estão agitados; mas que não provoca mudanças circunstanciais e nem fazem com que haja a construção e/ou incorporação de valores morais. Afinal, defendemos que os valores surgem a partir de um processo de reflexão do indivíduo (Araújo, 2007; Goergen, 2001; Puig, 2004).

Na escola da zona rural, a proposta foi adotada para reduzir o índice de violência, o qual foi relatado pelos agentes escolares como muito expressivo.

De acordo com a vice-diretora, primeiramente, trabalharam o centramento com os professores em HTPCs e passaram textos para eles apresentarem em sala de aula. E, quando os alunos estão muito agitados, é feito o centramento. Em casos de conflitos, os agentes escolares tentam conversar com alunos, mas, quando necessário, chamam os responsáveis e explicam o que está acontecendo.

A vice-diretora acredita que nem todos os alunos foram atingidos com o projeto, mas que alguns criaram mais responsabilidades e apresentaram mudanças de atitudes. Para a professora de Educação Física, o projeto contribuiu com benefícios para a escola, porque não se encontra pichações nela; além disso, acredita que “tudo o que você faz para ter boa convivência, sempre há algum resultado positivo”.

A vice-diretora apontou que tenta fazer o centramento nas reuniões de pais, mas que são poucos os que comparecem e os mais presentes são os pais das crianças com menos

problemas. A professora de Educação Física destacou que, ao ensinar os alunos na escola, eles acabam levando o que aprenderam para suas casas.

Consideramos que não há parceria entre escola e família, sendo que os pais ou os responsáveis pouco frequentam o espaço escolar e, quando, comparecem, é por conta de reuniões e/ou convocações. Além disso, acreditamos que não há medidas para envolver as famílias dos alunos no projeto e também nas atividades escolares cotidianas.

Percebemos que esta escola não se envolveu tanto com a proposta defendida pela Diretoria de Ensino e pela psicopedagoga, e realizou atividades mais pontuais. Não conseguimos compreender quais, realmente, foram os resultados alcançados com o projeto nesta escola, uma vez que obtivemos respostas muito vagas; então, pensamos que, talvez, não tenham acontecido mudanças significativas.

Assim como na outra escola em que o projeto é realizado, os conflitos são resolvidos entre os alunos de forma heterônoma e que, por isso, a escola acaba precisando da família para ajudar na resolução. Acreditamos que a escola deveria aproveitar os conflitos que os alunos possam vir a ter para tratar das questões morais, uma vez que a educação moral deve partir de experiências pessoais e sociais controvertidas (passíveis de discussão). De acordo com Puig (2004, p. 63), “a moral é o resultado ou a síntese das soluções a situações conflitantes que a existência nos levou a enfrentar”.

### **Considerações Finais**

Concluimos que é quase inexistente uma parceria entre as mesmas nos projetos de educação moral, principalmente no que diz respeito à elaboração e desenvolvimento das atividades. Identificamos que a participação da família acontece em momentos pontuais como, por exemplo, em festas e ações na comunidade; porém, na maior parte das vezes, os familiares comparecem nas escolas apenas em reuniões ou quando são convocados por conta de mau comportamento dos alunos.

Pensamos, assim, na seguinte questão: não seria possível criar estratégias a fim de envolver os familiares e enriquecer essas relações? Contudo, ao menos nas escolas em que realizamos visitas, constatamos que essas possibilidades não têm sido desenvolvidas, uma vez que não identificamos iniciativas, providências e/ou ações das escolas para promover a aproximação das famílias dos alunos.

### **Referências**

- Aquino, J. G., & Araújo, U. F. (2000). Em Foco: Ética e educação. *Educação e Pesquisa*, 26(2).
- Araújo, U. F. (1996). O ambiente escolar e o desenvolvimento do juízo moral infantil. In: L. Macedo. *Cinco estudos de educação moral*. (pp.105-136). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Araújo, U. F. (2000). Escola, democracia e a construção de personalidades morais. *Educação e Pesquisa*, 26(2).
- Araújo, U. F. (2007). A construção social e psicológica dos valores. In U. F. Araújo, J. M. Puig, & V. A. Arantes (Org). *Educação e valores: pontos e contrapontos*. São Paulo: Summus.
- Goergen, P. (2001). Educação moral: adestramento ou reflexão comunicativa? *Revista Educação e Sociedade*, (76).
- Goergen, P. (2005). Ética e educação: o que pode a escola?. In J. C. Lombardi, & P. Goergen (Orgs.). *Ética e educação: reflexões filosóficas e históricas*. Campinas: Autores Associados – HISTEDBR.
- Gutfreind, C. (2010). Parceria entre pais e educadores. *Revista Pátio*, (23).
- La Taille, Y. (2006). *Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas*. Porto Alegre: Artmed.
- La Taille, Y. (2009). *Formação ética: do tédio ao respeito de si*. Porto Alegre: Artmed.
- Menin, M. S. S. (1996). Desenvolvimento moral. In L. Macedo (Org.). *Cinco estudos de educação moral*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Menin, M. S. S. (2002). Valores na escola. *Educação e Pesquisa*, 28(1), 91-100.
- Menin, M. S. S., Bataglia, P. U. R., & Zechi, J. A. M. (2013). *Projetos bem-sucedidos de educação em valores*. São Paulo: Cortez.
- Oliveira, A. P. (2013). *Escola e família: relações possíveis em projetos de educação moral em escolas públicas*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências e Tecnologia- Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, SP, Brasil.
- Puig, J. M. (2004). *Práticas morais: uma abordagem sociocultural da educação moral*. São Paulo: Moderna.
- Serrano, G. P. (2002). *Educação em valores: como educar para a democracia*. Porto Alegre: Artmed.
- Tognetta, L. R. P. (2003). *A construção da solidariedade e a educação do sentimento na escola: uma proposta de trabalho com as virtudes numa visão construtivista*. Campinas: Mercado de Letras.
- Vinha, T. P. (2003). *Os conflitos interpessoais na relação educativa*. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação/UNICAMP, Campinas, SP, Brasil.
- Vinha, T. P., & Assis, O. Z. M. (2005). Compartilhar ou transferir as responsabilidades? Considerações sobre a relação entre a escola e a família. *Anais do Encontro Nacional de Professores do PROEPRE*, Campinas, SP, Brasil, 22.